

O ESTRANGEIRO

THE FOREIGNER

Arlete de Falco¹

arletedefalco@gmail.com

O corpo não estava mais dependurando quando cheguei a casa, menina entre outras crianças que voltavam da escola, esgueirando-se entre os tantos adultos que enchiam a sala. Estava estirado sobre o estrado da cama e ainda trazia o laço de corda em torno do pescoço. (Um cristão mais decidido retirara o corpo que estava dependurado na sala, mas, na pressa, esquecera o laço em torno de seu pescoço).

Essa imagem do enforcado acompanhou-me pelo resto da minha vida. Junto com ela, os fragmentos de uma história recolhida no tumulto daquela tarde.

O enforcado era viúvo; uma viuvez recente.

Os vizinhos o encontraram, porque a porta estava semiaberta. Da rua, viram seu corpo suspenso no ar. Entraram e encontraram um cenário previamente preparado.

O homem arrumara com cuidado o espaço da sala onde se enforcaria. Situada a um canto, encostada na parede, uma mesa trazia em lugar de destaque a foto da esposa recém-falecida. Ao seu lado, a foto das duas crianças, filhas do casal, que ele tivera o cuidado de mandar para a casa dos avós (O que foi/fora feito daquelas crianças? Eu me perguntaria ano após ano). Completando a cena, uma imagem de Nossa Senhora. E velas, muitas velas acesas ao redor das fotos e da imagem. Usara uma das cadeiras da mesa para subir e prender a corda na viga-mestra da sala. Laço pronto, um salto da cadeira, o corpo balançando no ar.

Tudo terminado.

A casa dessa tragédia perdeu-se no tempo. Não a localizo mais na minha cidade, transformada pelos anos. Mas ela permanece na minha mente, suspensa, impregnada pela tristeza daquele desconhecido que sucumbiu/sucumbira à própria dor.

Ontem recebi de minha filha uma mensagem: *Acabo de ver um homem enforcado.*

Pouco depois, ela me dá mais detalhes. Fora dar cobertura ao fato (O jornal onde ela trabalha, na capital do país, recebera a notícia de uma morte num quarto de hotel). Ali, depararam com um corpo ajoelhado, sem vida, preso na corda da cortina.

¹ UEG – Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Morrinhos (GO)

A evidência de suicídio pôs fim à cobertura jornalística. Mas era tarde demais para qualquer esquecimento. Ela vira um homem enforcado.

Essa verdade passará a fazer parte de sua vida como aquela outra faz da minha.

Chamou-lhe a atenção o fato de o homem estar ajoelhado. Bastava firmar-se nos pés, erguer-se e a corda (tão leve, tão frágil!) da cortina não significaria nada. Mas ele não quis erguer-se: permaneceu ajoelhado até que tudo se consumasse. Como poucos, aquele homem sabia o que queria.

Como aquele homem que eu vira há anos, esse também estava determinado a morrer.

O meu enforcado sucumbira à dor provocada pela perda da mulher amada.

E este, que estranha dor o consumia?

Alguém no hotel falara em traição: sua mulher estaria com outro, no seu país de origem.

Sim, o enforcado de minha filha é um estrangeiro. Em busca de trabalho em nosso país, deu de cara com a dor. Tão forte, tão avassaladora, que o fez resistir à possibilidade de retornar à vida, quando o ar lhe faltava. Bastava-lhe apenas firmar os pés, mas o estrangeiro não quis. Resistiu bravamente à tentação de viver.

À noite tentei falar com minha filha; ela não quis atender-me. Quando lhe perguntei mais tarde por mensagem se estava bem, respondeu-me que estava pensativa. Eu tive, então, a certeza de que o fato a marcara para sempre, como a mim marcara também a história daquele homem desconhecido, que morrera cercado pelas fotos das pessoas que amava, sob a proteção de Nossa Senhora.

Olhando o fim desses dois homens distanciados um do outro por quase meio século, penso que o do meu foi mais feliz, se se pode falar de felicidade nessas situações: solidário, desistiu de viver por alguém que partira antes dele. Aquele cenário que cercava seu corpo dependurado revelava meticulosa preparação, cuidado; dava um caráter cerimonioso e quase festivo ao evento final. (Em que pensaria ele, enquanto preparava a sala?) Sonhava encontrar-se com a mulher? Buscava companhia que o encorajasse? Queria despedir-se? Dar indícios aos que chegariam depois das razões de sua decisão? Ninguém sabe dizer quais foram seus pensamentos finais. Como também ninguém sabe os últimos pensamentos do estrangeiro.

Mas o meu enforcado, de qualquer forma, cercou-se da presença simbólica daqueles que amava.

O estrangeiro, não. Talvez por isso sua tragédia seja maior.

O estrangeiro sucumbiu em um país distante, sozinho em um quarto de hotel.

Humilhado. Ajoelhado diante da sua própria dor.

Deo gratias!